



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

05 e 06 de janeiro de 2019

Diário Catarinense e A Notícia Upiara Boschi

“As pessoas terão que gerar os próprios empregos”

‘As pessoas terão que gerar os próprios empregos’ / Entrevista / Carlos Henrique Ramos Fonseca / Diretor Superintendente do Sebrae/SC / Serviço de Apoio à Pequena e Microempresa / Mestre em Engenharia da Produção / UFSC

SÁBADO E DOMINGO, 5 E 6 DE JANEIRO DE 2019

21

“As pessoas terão que gerar os próprios empregos”

ENTREVISTA: CARLOS HENRIQUE RAMOS FONSECA

Diretor superintendente do Sebrae/SC

Desde quarta-feira, o comando do Sebrae/SC - Serviço de Apoio à Pequena e Microempresa - mudou. O novo diretor superintendente é o executivo Carlos Henrique Ramos Fonseca, engenheiro eletricista e mestre em engenharia de produção pela UFSC, que sucede o advogado e também executivo Carlos Guilherme Zigelli, que liderou a instituição por 18 anos. A posse oficial de Fonseca, do diretor técnico Luciano Pinheiro e do diretor Administrativo-Financeiro Anacleto Ortigara será quinta-feira à noite, mas a equipe já trabalha com o desafio de continuar gestão com eficiência reconhecida nacionalmente, aprimorar e inovar ainda mais para atender um segmento que reúne 99% das empresas formais do Estado e gera 52% dos empregos. Conforme o novo superintendente, as prioridades serão fortalecer o empreendedorismo, a qualificação, a inovação e a internacionalização da micro e pequena empresa. Fonseca é um dos executivos de SC mais preparados para a função. Tem política no DNA, mas muita experiência. É sobrinho-neto do ex-governador Celso Ramos e sobrinho do ex-presidente Nereu Ramos, atuou na Celesc e Eletrosul, foi presidente do Instituto Euvaldo Lodi da Fiesc, dirigiu o Sesi nacional e, recentemente, como diretor da Fiesc, liderou o plano de desenvolvimento para indústrias portadoras de futuro, o PDIC, a implantação do Observatório da Indústria e a Investe SC junto com o governo do Estado.

O que a nova diretoria do Sebrae/SC vai priorizar nesse mandato de quatro anos?
Uma responsabilidade permanente do Sebrae é fortalecer cada vez mais o empreendedorismo. Hoje, as micro e pequenas empresas estão sendo muito influenciadas pelos novos modelos de

BETINA HUMERES



produção. O emprego tradicional vem reduzindo cada vez mais e vai reduzir ainda mais em função das novas tecnologias. Então, o empreendedorismo individual será cada vez mais a opção de emprego, ou seja, as pessoas terão que gerar seus próprios empregos. O Sebrae tem uma responsabilidade muito grande de apoiar esse empreendedorismo, trabalhar com parcerias junto ao governo, trabalhar a cultura empreendedora nas escolas desde o início da educação até a universidade.

Quais os maiores desafios?

Os grandes desafios das empresas são as rápidas transformações nos ambientes de negócios. Isso vai exigir respostas cada vez mais rápidas. A micro e a pequena empresa serão cada vez mais ameaçadas porque precisarão de mais qualificação para competir nesse mundo globalizado, que exige também inovação contínua.

Como o Sebrae vai trabalhar a inovação e a tecnologia?

Um grande desafio é levar a inovação para a pequena empresa. Nós temos a vantagem de que Santa Catarina tem o ecossistema de inovação que mais cresce em nível nacional. Então, temos que trabalhar, sempre junto com parceiros, fortalecer esse ecossistema, fortalecer a tríplíce hélice - governo, academia e setor produtivo. Temos também o desafio, junto com o governo, de incentivar o empreendedorismo do Estado. O governo está cons-

truindo 13 centros de inovação. Precisamos habitar esses centros com empresas, junto com a Associação Catarinense de Tecnologia (Acate) e outros atores, fortalecer cada vez mais. O desafio é aproximar as startups tecnológicas das empresas tradicionais.

Quais são os planos na área de internacionalização de empresas?

A internacionalização também é uma prioridade. Temos que fortalecer os pequenos negócios para ampliar fronteiras, não só para ampliar mercados, mas para serem mais competitivos. Se exportarem para mercados exigentes, serão mais competitivos também aqui no Brasil porque, queira ou não, a empresa internacional vai estar competindo com ele aqui, mesmo que não exporte. Hoje, no volume de exportação catarinense, as micro e pequenas empresas representam somente 2,4%, mas é o dobro do Brasil porque, em nível nacional, as micro e pequenas respondem só por 1,2% do total de exportações. Temos um grande potencial de expandir as vendas externas de micro e pequenas empresas, até atrelando com a reabertura da Secretaria de Articulação Internacional (SAI) pelo governo do Estado e trabalhar em conjunto com outros demais atores que apoiem a internacionalização da economia, como as iniciativas da Fiesc, Fecomércio-SC e das universidades que têm núcleos voltados ao ensino de comércio ex-

terior em parceria com a Apex e demais parceiros.

O que o senhor pretende imprimir de mudanças no Sebrae para atender essas demandas?

O Sebrae também precisa se transformar para atender melhor as empresas. Um exemplo é a transformação digital. Nossas frentes principais serão fortalecer o empreendedorismo, trabalhar fortemente na qualificação para melhorar a competitividade e evitar a mortalidade das micro e pequenas empresas do Estado, vamos trabalhar a inovação contínua para a melhoria da competitividade e um pré-requisito para, internacionalização das empresas e a transformação digital do Sebrae para acompanhar essas mudanças que estão ocorrendo na economia. Hoje, as micro e pequenas empresas são responsáveis por 35% do PIB de SC, 99% das empresas e 52% dos empregos. Em nível nacional o segmento é responsável por 27% do PIB.

SC é o melhor Estado na geração de emprego. Isso é resultado da melhor performance das micro e pequenas empresas daqui?

Sim. Santa Catarina tem a menor taxa de desemprego do Brasil, 6,2%. Hoje, alguns fatores são propulsores dessa máquina de desenvolvimento da economia catarinense, mas, com certeza, a micro e pequena empresa é um deles. Em 2018, até novembro, sete de cada 10 empregos foram

gerados pela micro e pequena empresa em Santa Catarina. Então, ela é uma grande alavanca-dora da retomada do desenvolvimento. Outro fator é a grande diversificação da nossa economia, acima da média nacional.

Os principais projetos da gestão anterior vão continuar?

Sim. Todos os programas bem sucedidos vão continuar. O trabalho que o superintendente Zigelli fez projetou o Sebrae/SC em nível nacional como referência. Então, vamos procurar potencializar esses programas. O Cidade Empreendedora é um deles. Temos que ampliar. Vamos procurar parcerias com o governo do Estado e os municípios para ampliar essa atuação.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, informou que vai cortar de 30% a 50% os recursos do Sistema S, no qual o Sebrae está incluído. O que vocês farão se essa redução for feita?

O ministro falou em 50% e 30%. Hoje o Sebrae é subsidiado com percentual de 0,3% a 0,6% da folha de pagamento das empresas. Se o governo fizer um corte, todo Sistema S será atingido. Uma das medidas que tomamos foi revisar nosso orçamento de 2019, procurar um corte de 30% para fazer mais com menos. E se não vier o corte de 30%, vamos, da mesma forma, usar melhor os nossos recursos. Algum corte virá. Acho que o diálogo pode mudar opiniões, principalmente no caso do Sebrae, responsável por alavancar 99% das empresas formais do Brasil. Se cortarem o Sebrae, algum mecanismo de apoio deverá ser criado. Temos um bom embaixador do setor, o ex-ministro Guilherme Afif Domingos, que está trabalhando com Guedes e defenderá a pequena empresa.

Como serão os cortes, caso haja redução de recursos?

E muito cedo para definir. Pedimos para a nova diretoria fazer uma revisão de todos os projetos visando eficiência. O plano é fazer mais com menos, sem prejudicar atendimento às empresas, ser mais eficiente na redução de custos operacionais. Não estamos pensando em fazer cortes lineares de pessoas porque em toda a estrutura você tem que buscar a eficiência. O Sebrae tem uma equipe eficiente e trabalhadora.

ESTELA BENETTI

Notícias do Dia Cidade "Vestígios da era pré-digital"

Vestígios da era pré-digital / Elementos analógicos / Tecnologia /
Pesquisadores / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

8/9.Cidade NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 5 E 6 DE JANEIRO DE 2019

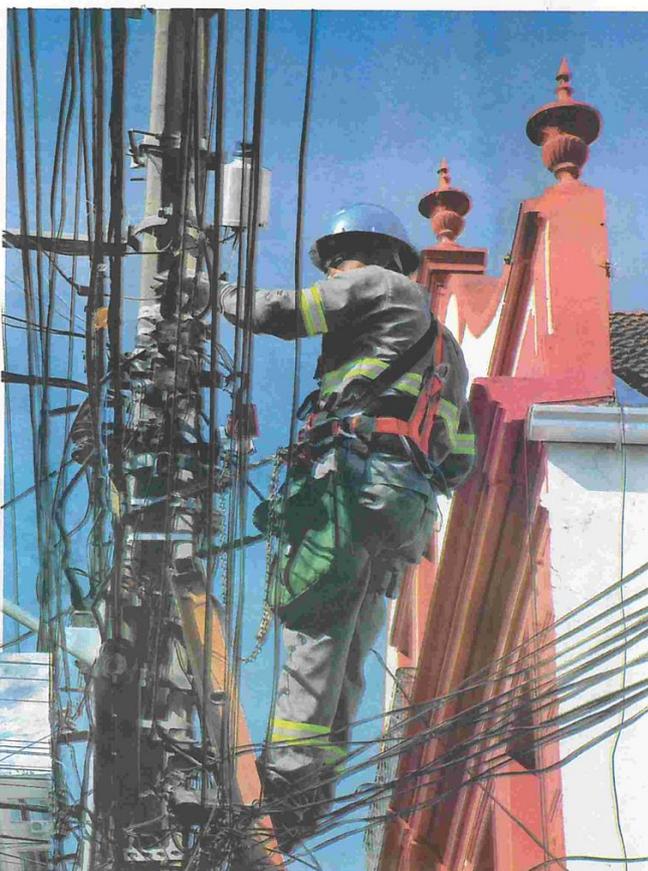
Vestígios da era pré-digital

Elementos analógicos estão incorporados à memória e à paisagem de Florianópolis

CARLOS DAMIÃO
carlos.damiao@gmail.com

Celebrada nacional e internacionalmente como cidade inovadora, Florianópolis ainda preserva muitos sinais analógicos espalhados pelo cenário urbano. Uma olhada para cima, na maior parte das ruas, e o que se vê? Uma parafernália de fios misturados, cujas funções são incompreensíveis para os leigos – exceto os fios que conduzem energia, em geral bem destacados nos postes e protegidos por isoladores. Técnicos de empresas telefônicas ou de TV a cabo e internet, quase sempre identificados pelos uniformes, mexem e remexem nos fios, esticam, encurtam, conectam ou desconectam, mas ninguém melhora o aspecto de rolo (ou enrolação) muito feio e ultrapassado.

Há muito tempo, no governo de Sérgio Grandó (2003-2007), a prefeitura começou um programa de substituição da fiação aérea por conexões subterrâneas. O projeto continuou na gestão de Angela Amin (2007-2015), mas na verdade pouco foi feito e esse pouco ficou restrito ao Centro Histórico, em especial na região do calçadão. A alegação oficial para o desprezo a essa solução é o alto custo. Comerciantes e moradores teriam que dividir o investimento com o poder público. ●



FOTOS CARLOS DAMIÃO



Fiação misturada à vegetação, num poste da avenida Rio Branco

Peso da tecnologia num poste da rua Victor Meirelles: como entender esse emaranhado?



Tampa de ferro da antiga Cotesc, na esquina da avenida Rio Branco com a rua Esteves Júnior

Memória da tecnologia sob os pés

■ Mas se os postes estão abarrotados de fios, o que significam as tampas de ferro fartamente distribuídas pelas calçadas em muitas áreas da Capital, indicando que abaixo delas existem "caixas" de telefonia ou de distribuição de energia?

Em várias estão gravados os nomes de empresas que não existem há anos. No caso da marca Cotesc (Companhia Catarinense de Telecomunicações), tratava-se da estatal de Santa Catarina extinta há quase 50 anos, depois que foi incorporada pela

Há dezenas de tampas de ferro da "Telesc" espalhadas pelo região central



Telesc (Telecomunicações de Santa Catarina), estatal federal do sistema Telebrás, privatizada no governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Há dezenas de tampas com a inscrição Telesc talvez para nos lembrar de um período de grande inovação e progresso no campo das telecomu-

nicatões. Se chegamos hoje à quase perfeição tecnológica, tudo começou lá, com a Telesc e com os pesquisadores da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). E a quantidade de tampas com a marca Telesc mostra o quanto a telefonia fixa já foi importante para a vida de todos nós.



O orelhão perdeu força com a evolução da telefonia digital

Telefones públicos resistentes

Outro sinal analógico que o tempo ainda não superou são os orelhões, bem poucos, se comparados com 10, 15 ou 20 anos atrás. Muitos estão depredados, pichados, misturados a sucatas, igual as lixeiras quebradas e outros elementos urbanos que comprovam a falta de zelo do poder público com a cidade "inovadora".

Obviamente que os telefones fixos e os orelhões caíram em desuso depois que a comunicação digital, via telefones celulares, se popularizou e tornou tudo muito mais fácil e prático, inclusive o acesso à internet. Hoje é difícil até encontrar os cartões usados para fazer as ligações a partir dos orelhões, que eram vendidos em bancas de revistas, quiosques e lojas de conveniência. Aliás, as bancas que resistem em poucos pontos da cidade, também indicam, simbolicamente, um mundo analógico sobrevivente.

Uma rara caixa de coleta de correspondência dos Correios, na rua Esteves Júnior. Nos bairros ainda são utilizadas

Do tempo das cartas

Mais um sinal do mundo analógico, hoje presente a poucas ruas, são as caixas de coleta de correspondência dos Correios, muito comuns até a década de 1990, antes do advento do e-mail e bem antes dos aplicativos de

mensagens instantâneas nos smartphones. Na região central há pelo menos uma, na rua Esteves Júnior, que está em bom estado e aparentemente ainda é utilizada para remessa de cartas ou contas. Amigos registram que



em lugares mais distantes, como a Cachoeira do Bom Jesus, essas caixas ainda existem, porque suprem a falta de uma agência dos Correios nos bairros. Para usar o serviço é preciso ter selos em casa, loja ou escritório, de acordo com a tarifa atualizada para correspondências simples.

Essas presenças analógicas são testemunhos físicos incorporados à memória da cidade. No caso de elementos tecnológicos, como lembra o professor aposentado Marcelo Martins, do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), "tudo o que é descoberto pelas novas gerações pode ser entendido como 'nova tecnologia para elas' - no sentido de que era uma tecnologia desconhecida ou pouco conhecida". O telefone fixo, por exemplo, é algo que está se tornando cada vez mais distante da realidade das pessoas. E parar num orelhão para fazer uma ligação é mais raro ou desnecessário. Mas o telefone público é uma prova física da evolução tecnológica do século 20, da engenhosidade humana a serviço da comunicação.

Notícias do Dia Ponto e Contraponto

Tânia Regina Hames / Presidente / Fundação Escola de Governo / Mestre em Engenharia do Conhecimento / UFSC



SUSI PAULIHA/ND

Mais um nome foi confirmado ontem na equipe do governo do Estado. A servidora de carreira da Secretaria de Estado da Administração, Tânia Regina Hames, foi anunciada como presidente da Fundação Escola de Governo. Tânia é administradora e mestre em engenharia do conhecimento pela UFSC.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

05/01/2019

"O empreendedorismo individual será cada vez mais a opção de emprego", afirma diretor do Sebrae SC

Como é a realidade dos surdos e dos intérpretes de libras em Goiás

Teoria da Conspiração e Imunização Cognitiva

06/01/2019

Globo não para e ataca sorrateiramente a primeira surda à frente da Secretaria Nacional da Pessoa com Deficiência

À procura da estrela de Belém